

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL**

Aline Vargas Escobar

**MOBILIDADE ACADÊMICA E SUAS REPERCUSSÕES NA
FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE ASSISTENTES SOCIAIS:
ADELANTE NEGRA!**

Santa Maria, RS
2022

Aline Vargas Escobar

**MOBILIDADE ACADÊMICA E SUAS REPERCUSSÕES NA FORMAÇÃO
PROFISSIONAL DE ASSISTENTES SOCIAIS: ADELANTE NEGRA!**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Serviço Social, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção de título de **Bacharela em Serviço Social**.

Orientadora: Prof^a Dr^a Laura Regina Da Silva Câmara Maurício Da Fonseca

Santa Maria, RS
2022

Aline Vargas Escobar

**MOBILIDADE ACADÊMICA E SUAS REPERCUSSÕES NA FORMAÇÃO
PROFISSIONAL DE ASSISTENTES SOCIAIS: ADELANTE NEGRA!**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Graduação em Serviço Social, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção de título de **Bacharel em Serviço Social**.

Aprovado em 31 de janeiro de 2022:

Laura Regina da Silva Câmara Maurício Fonseca, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Fábio Jardel Gaviraghi, Dr. (UFSM)

Loiva de Oliveira Machado, Dra. (UFRGS)

Santa Maria, RS
2022

DEDICATÓRIA

À todos os guias que zelam por mim, à todos que acreditaram no meu sonho de ser assistente social e à Aline do passado que não desistiu da Aline do futuro.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, peço licença aos que vieram antes de mim, aos mais velhos e mais novos para iniciar os meus agradecimentos. Agradeço aos orixás do panteão africano pela proteção espiritual, pela força e calma quando necessárias.

Agradeço à minha mãe Giane Vargas, a rainha do ébano que me ensinou a dizer SIM para a vida e para enfrentar qualquer desafio de cabeça erguida. Não sei onde eu estaria sem poder me espelhar na sua fonte inesgotável de carinho, entusiasmo e resistência.

Agradeço ao meu pai Adelar Escobar, um homem negro que sempre esteve presente para me cuidar e garantir que eu tivesse as melhores condições para trilhar os caminhos que eu bem quisesse.

Agradeço a minha irmã Geanine Escobar, por me mostrar que a vida é bem melhor com uma irmã mais velha para poder ter como exemplo e se sentir mais segura no mundo.

Agradeço às minhas avós e ao meu avô: Celanira Rodrigues Escobar, Jombelina da Silva Vargas e Jorge Natal da Silva Vargas. Sem vocês eu não estaria aqui. Que privilégio poder contar com o carinho e as risadas especialmente nos dias mais cansativos.

Agradeço à Micaela Severo por toda a lealdade e companheirismo que cultivamos até hoje. Que Exú sempre te conceda caminhos de muita prosperidade. Laroyê!

Agradeço à minha orientadora Prof. Dra. Laura Fonseca, uma grande assistente social crítica, que com a sua postura firme e ao mesmo tempo afetuosa garantiu que esse trabalho ganhasse vida.

Agradeço ao Prof. Dr. Fábio Jardel Gaviraghi, por ter aceitado o convite para participar da minha banca. Que honra poder contar com a parceria de um grande assistente social no meu sonho e no de outras colegas de profissão de estudar no exterior.

Agradeço à Prof. Dra. Loiva Mara de Oliveira Machado, por ter aceitado o convite para participar da minha banca. É uma satisfação imensurável poder contar com a avaliação de uma assistente social negra tão engajada.

Agradeço a Jimena Consuelo, Jorge e Luciano por terem me recebido de braços abertos em Valparaíso e feito mais do que eu poderia pedir para garantir o meu conforto e segurança.

A todos os amigos, parceiros de luta e assistentes sociais que admiro: gratidão pelas trocas! Carrego em mim um pouco do que aprendi com cada um de vocês e tentarei sempre fazer jus a isso.

Axé!

“Muchas personas buscan un mundo mejor, nosotros
trabajamos y nos esforzamos para crearlo.”
(Autor desconhecido)

RESUMO

MOBILIDADE ACADÊMICA E SUAS REPERCUSSÕES NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE ASSISTENTES SOCIAIS: ADELANTE NEGRA!

AUTORA: Aline Vargas Escobar

ORIENTADORA: Dra. Laura Regina da Silva Câmara Maurício da Fonseca

O presente trabalho é um relato de experiência sobre o período de mobilidade acadêmica vivenciado pela autora em 2019 na cidade de Valparaíso no Chile. A proposta foi evidenciar o quanto a internacionalização do conhecimento no Serviço Social ainda carece de referências para se debruçar no tema mas é um campo interessante de ser investigado. O Serviço Social Afrocentrado é um conceito chave para compreender a profissão a partir de um viés não hegemônico. Nesse sentido, buscou-se refletir sobre raça e a luta antirracista. Também analisar o impacto da campanha “Assistentes Sociais no combate ao racismo” (2017-2020). Principalmente através da perspectiva de autores negros que dialogam sobre as relações étnico raciais. O estudo de abordagem qualitativa alia-se a metodologia da escrivência criada pela pensadora negra Conceição Evaristo pois a autora descreve como foi cada etapa do processo de intercâmbio até retornar ao Brasil e ainda vivenciar o choque cultural reverso. Algumas assistentes sociais negras que fizeram história na trajetória da categoria profissional são homenageadas visto que são inspiração de pertencimento e resistência. Portanto, escrever mais sobre o Serviço Social em âmbito internacional com os recortes de raça, classe e gênero pode ser benéfico para fortalecer uma rede fora do país de assistentes sociais engajados com a transformação social.

Palavras-chave: Serviço Social, Mobilidade acadêmica. Intercâmbio. Luta antirracista. Racismo.

ABSTRACT

ACADEMIC MOBILITY AND IT'S EFFECTS ON THE PROFESSIONAL TRAINING OF SOCIAL WORKERS: ADELANTE NEGRA!

Author: Aline Vargas Esobar

Advisor: Dra. Laura Regina da Silva Câmara Maurício da Fonseca

The present research is an experience report about the period of academic mobility experienced by the author in 2019 in the city of Valparaíso in Chile. The proposal was to show how much the internationalization of knowledge in Social Work still lacks references to address the subject but it is an interesting field to be investigated. Social Work African Centred is a concept to understand the profession from a non-hegemonic point of view. In this sense, we sought to reflect on race and the anti-racism struggle. This study also analyze the impact of the campaign "Social Workers in the fight against racism" (2017-2020). Mainly through the perspective of black qualitative authors who dialogue about racial and ethnic relations. The study of a social approach is allied to the writing methodology created by the black thinker Conceição Evaristo because the author describes how each stage of the exchange process was until returning to Brazil and still experiencing the reverse culture shock. A few black social workers that marked the history of the professional category were honored since they are an inspiration of belonging and resistance. Therefore, to write more about Social Work at an international level with clippings of race, gender and class can be beneficial to strengthen a social network for workers engaged with social transformation.

Key-words: Social Work. Academic Mobility. Exchange. Anti-racism fight. Racism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Registro da autora na entrada dos prédios da Escuela de Trabajo Social da UV (2019).....	28
Figura 2 - Registro de apresentação do grupo Tumberos del Puerto no Sitio Eriazo.....	30
Figura 3 - Visita ao Jardim Botânico de Valparaíso organizada pelo setor de Mobilidade Estudantil da UV.....	31
Figura 4 - Recepção de todos os intercambistas do 1º semestre de 2019.....	32
Figura 5 - Placa na entrada de um dos prédios da Escuela de Trabajo Social da UV.....	33
Figura 6 - Registro da distribuição de cartazes da campanha Assistentes Sociais no Combate ao Racismo (2017-2020)	34
Figura 7 - Registro da oficina “Trabajo Social en Brasil”.....	35
Figura 8 - Registro da dinâmica da oficina “Trabajo Social en Brasil”	36
Figura 9 - Ação de voluntariado na comunidade La Isla.....	36
Figura 10 - Publicação no jornal da Vocalía de Salud Publica UV.....	37

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	10
	1.1 Justificativa.....	12
	1.2 Objetivos.....	14
	1.3 Referencial teórico.....	14
	1.4 Metodologia.....	18
2.	MOBILIDADE ACADÊMICA NO SERVIÇO SOCIAL: ENTRE O ESCASSO E O FÉRTIL	20
	2.1 A internacionalização do conhecimento no Serviço Social.....	20
	2.2 O Serviço Social Afrocentrado.....	23
3.	“ERES NORTE AMERICANA?” A AFIRMAÇÃO DA NEGRITUDE EM SOLO CHILENO	25
	3.1 Raça, racismo e a identidade negra.....	25
	3.2 O intercâmbio no Chile.....	26
	3.3 As fases do processo de intercâmbio.....	30
	3.4 O retorno ao Brasil e o choque cultural reverso.....	39
4.	O PENSAMENTO DE ASSISTENTES SOCIAIS NEGRAS: Ô ABRE ALAS QUE ELAS QUEREM PASSAR!	40
	4.1 O pensamento de mulheres negras.....	40
	4.2 As assistentes sociais negras.....	42
	4.3 A luta segue pois a Sapucaí é grande.....	44
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
	REFERÊNCIAS	

1. INTRODUÇÃO

Início com um trecho do poema “Me gritaram negra”¹ de Victoria Santa Cruz. A autora foi uma renomada poeta afro peruana e uma das maiores expoentes negras da arte na América Latina. A leitura de mundo dela influenciou diretamente no meu orgulho de ser negra e seguir sempre *adelante*.

[...] Afinal

Afinal compreendi

AFINAL

Já não retrocedo

AFINAL

E avanço segura

AFINAL

Avanço e espero

AFINAL

E bendigo aos céus porque quis Deus

que negro azeviche fosse minha cor

E já compreendi

AFINAL

Já tenho a chave!

NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO

NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO

NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO

NEGRO NEGRO

Negra sou!

O presente Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Mobilidade acadêmica e suas repercussões na formação profissional de assistentes sociais: adelante negra!” está alinhado aos estudos dos campos que envolvem a internacionalização do conhecimento, raça e Serviço Social.

¹ Vídeo da autora declamando o poema disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=RIjSb7AyPc0>

Durante o primeiro semestre de 2019 eu estudei na Escuela de Trabajo Social localizada na cidade de Valparaíso no Chile. Este trabalho de conclusão de curso tem como tema central a Mobilidade e formação acadêmica no Curso de Serviço Social na UFSM. Portanto, busca-se sanar o seguinte problema de pesquisa: “Por que foi importante para a autora fazer intercâmbio no Chile?”.

Para a comunidade acadêmica, estudar fora do país sempre foi uma oportunidade restrita ao nível de doutorado ou pós-doutorado. Contudo, em 2011 o Programa Ciências sem Fronteiras foi instituído sob o viés da cooperação internacional entre o Brasil e universidades estrangeiras. O principal objetivo era formar e capacitar pessoas em centros de pesquisa de excelência (BRASIL, 2011).

Segundo a revista britânica *Times Higher Education (THE)* que publica anualmente uma lista com a classificação das melhores universidades da América Latina e do Caribe, a Universidade Federal de Santa Maria ocupa a 29ª posição no ranking. O *Latin America University Rankings 2021* utiliza treze indicadores de avaliação sendo dois deles a pesquisa e a internacionalização. Dessa forma, a ampliação de oportunidades como o intercâmbio melhora a qualidade da produção acadêmica.

Um dos mecanismos de estímulo à integração entre setores como a Secretaria de Apoio Internacional (SAI) que é responsável por oferecer programas de intercâmbio somente aos alunos da UFSM. Entre 2014 e 2021 através do programa Ciências sem Fronteiras, convênios bilaterais, estágios, CAPES Print e AUGM ao todo 1.087 discentes da comunidade acadêmica da UFSM foram estudar no exterior².

A Asociación de Universidades Grupo Montevideo (AUGM), criada há três décadas atrás, é um conjunto de representantes universitários de toda América Latina que financia a oportunidade de internacionalizar o conhecimento. São seis países que integram essa rede: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai em comum acordo de valorizar a educação pública e o ensino superior no Mercosul.

² Dados referentes ao número de intercambistas e a quantidade de mobilidades realizadas entre 2014 - 2021 cedidos pela Secretaria de Apoio Internacional via e-mail em julho de 2021. Também foi solicitado dados sobre o pertencimento étnico racial e sócioeconômico dos mesmos, mas devido a pandemia este levantamento está suspenso.

Um ou uma intercambista é uma espécie de porta-voz que expõe a conjuntura do país de origem, despertando assim diálogos em relação a quebra de estereótipos como “país do carnaval” ou “país do futebol”. É importante alcançar o reconhecimento de que o Brasil deveria ser notado também pela articulação de programas e políticas públicas que vislumbram garantir qualidade de vida frente a profunda desigualdade social e econômica que consterna o país.

A desigualdade racial, infelizmente, está presente na estrutura da sociedade brasileira. Devido a estratégias de aniquilação sofridas pelos povos originários que acontecem dentro do capitalismo e seguem acontecendo por meio do aval do Estado (ALMEIDA, 2017). Em razão disso, a discussão das relações étnico raciais deveria ser transversal a toda a formação acadêmica das e dos assistentes sociais.

O movimento de reconceituação desencadeado a partir de 1965 influenciou o caráter crítico do Serviço Social na América Latina. Desta forma o Serviço Social brasileiro historicamente designa um diálogo especializado com vistas a defender um projeto de vida com sociabilidade digna em contraponto a opressões sistematizadas. O Chile e o Brasil vivenciam uma democracia constantemente questionada sobre a sua efetividade, por conseguinte, a análise da realidade social é primordial. Sendo assim, a internacionalização de saberes ocorre por meio do contato com fundamentos e enfoques de outras nacionalidades.

1.1 JUSTIFICATIVA

A escolha do tema Mobilidade acadêmica e formação no Curso de Serviço Social na UFSM se justifica, tendo em vista que a internacionalização do ensino superior ainda não é uma experiência que alcança muitos acadêmicos, sobretudo negros e negras. As instituições de ensino superior precisam repensar o perfil de quem concorre e é selecionado nos editais de intercâmbio, promovendo nestes editais as ações afirmativas, bem como atentar para a importância do pertencimento étnico-racial de seus alunos/as, visto que a oportunidade de estudar no exterior pode promover a autoestima, a autoimagem, a autoconfiança e a permanência no ensino superior dos estudantes negros/as.

A Lei nº 12.288/10 que versa sobre o Estatuto da Igualdade Racial reúne diversas medidas de enfrentamento à distribuição desigual de oportunidades que caracteriza o racismo estrutural e estruturante na sociedade brasileira. Há mais de

uma década esta lei pauta a defesa de direitos a população negra através de ações por meio de diferentes segmentos, dentre eles a educação que menciona a efetividade da inclusão social através da oferta de intercâmbios (BRASIL, 2010).

Além do ensino, pesquisa e extensão, a internacionalização pode ser considerada uma espécie de “quarto” eixo para a universidade progredir em relação a produção e formação acadêmica. De acordo com o Plano Institucional de Internacionalização da UFSM (2017) um contingente de 63% dos pesquisadores brasileiros nunca saiu do país. A troca de saberes realizada por intercambistas é essencial entre os países latino-americanos pois compartilham de um processo de colonização e violências que são semelhantes, porém com especificidades que precisam ser conhecidas.

A pesquisa é pertinente, dado que essa temática dentro do Serviço Social ainda é escassa, porém promissora. Para mim foi um divisor de águas enquanto estudante negra, futura assistente social e a primeira discente do Curso de Serviço Social da UFSM a estudar no Chile. Um dos meus objetivos com este intercâmbio foi fortalecer a minha identidade latino-americana e acreditar que é importante conhecer a profissão para além das fronteiras do Brasil.

A partir deste contexto, evidenciar os recortes de raça, gênero, classe e território no que concerne à internacionalização de saberes é imprescindível para impulsionar a pluralidade de discentes que vivenciam a mobilidade acadêmica. Inclusive para empoderar as acadêmicas negras pois como pontua a pesquisadora Joice Berth (2019):

O empoderamento como teoria está estritamente ligado ao trabalho social de desenvolvimento estratégico e recuperação consciente das potencialidades de indivíduos vitimizados pelos sistemas de opressão e visam principalmente a libertação social de todo um grupo, a partir de um processo amplo e em diversas frentes de atuação, incluindo a emancipação intelectual. (BERTH, 2019, p. 34)

Nesse sentido, o presente trabalho se justifica por evidenciar os benefícios para a formação acadêmica vinculados ao processo de mobilidade acadêmica. Visto que conhecer outra cultura em um país diferente é um intenso processo de imersão que requer autoconhecimento e flexibilidade em se adaptar a um novo idioma. Entre

outros aspectos culturais como alimentação, moradia e a convivência com pessoas de outras nacionalidades.

Além disso, é pertinente salientar que apesar do programa Ciências sem Fronteiras não estar mais em vigência, existem outros programas ou recursos próprios das universidades que financiam a expansão do conhecimento por meio de bolsas entre países conveniados ou não. Os convênios viabilizam a possibilidade de período sanduíche como também de estágios ou cursos de curta duração.

Portanto, este relato de experiência se configura como um “caminho das pedras”, especialmente a quem almeja fazer intercâmbio. Dado que quando eu estava na fase de preparação para sair do país não encontrei nenhuma referência de outra acadêmica negra para saber como havia sido a experiência, ou seja, para me espelhar e me sentir mais segura.

1.2 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral: Compreender as repercussões da mobilidade acadêmica na formação profissional em Serviço Social, considerando o pensamento afrocentrado, com vistas a ampliar o debate sobre a internacionalização do Serviço Social na categoria profissional.

3.2 Objetivos específicos:

1. Identificar a presença da temática mobilidade acadêmica na área de Serviço Social.
2. Sistematizar como foi a experiência de intercâmbio no Chile da autora.
3. Reconhecer a importância do pensamento de mulheres negras.

1.3 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico do referido trabalho de conclusão de curso foi estruturado em três eixos, a saber: mobilidade acadêmica e internacionalização do conhecimento; raça e racismo; pensamento de mulheres negras.

A Organização das Nações Unidas estabeleceu que entre os anos de 2015 a 2024 está em vigência a Década Internacional de Afrodescendentes, regida sobre o

tripé: reconhecimento, justiça e desenvolvimento. Foi decretada uma série de objetivos e ações³ de combate a discriminação racial, dentre eles:

“[...] medidas concretas para garantir que as mulheres e as meninas afrodescendentes possam desenvolver suas habilidades pessoais, prosseguir suas carreiras profissionais e fazer escolhas sem as limitações estabelecidas pelos estereótipos e preconceitos raciais e de gênero.”

A participação de mulheres e meninas afrodescendentes em instituições profissionalizantes, tais como as instituições de ensino superior, significa avançar na agenda para concretizar a democracia. O geógrafo Milton Santos foi um notório expoente da temática da globalização, porém, sobretudo um defensor da democracia. Ele sinaliza que no Ocidente ainda predominam as perspectivas européias e norte-americanas, deste modo se faz necessário romper com o atual modelo de pensamento (SANTOS, 2000).

A geógrafa e Atinúkê⁴ Daniele Vieira (2021) argumenta que há uma distinção entre o significado de espaço e território. Significam, respectivamente, um campo de possibilidades e a apropriação do espaço por uma instituição. A soma destas duas concepções remete aos processos de trabalho das e dos assistentes sociais, uma vez que é nos serviços da rede sócio assistencial onde são realizados encaminhamentos, construção de vínculos, implementação das políticas públicas e demais ações confluentes com o Sistema Único de Assistência Social (SUAS).

Pesquisas sobre o Serviço Social em outros países ainda são pouco impulsionadas tal como o território enquanto uma categoria de análise. Conforme as ponderações de Maria Helena Elpidio Abreu (2018) o “chão” das práticas profissionais das e dos assistentes sociais é justamente onde se concretizam as mudanças na vida das e dos usuários dos serviços. Logo, existe um solo fértil de reflexões a serem pensadas em diálogo com a geografia.

A última edição do Código de Ética do/a Assistente Social lançada em 2019 está disponível em inglês e espanhol, isso demonstra a preocupação com o fortalecimento das relações internacionais e o Serviço Social. Este documento

³ Disponível em: <<https://decada-afro-onu.org/documents.shtml>>. Acesso em: 24 de agosto de 2021.

⁴ A palavra africana Atinúkê significa aquela que merece carinho desde o ventre e é o nome de um coletivo formado por mulheres negras sobre o pensamento de mulheres negras fundado em Porto Alegre - RS em 2016.

compõe a face da identidade latino-americana e caribenha das e dos profissionais da área para as outras nações ao redor do globo. Além de subsidiar publicações em outros idiomas, servindo assim como um instrumento de pesquisa.

A população negra sofre até os dias de hoje com as consequências da herança colonial. A abolição da escravidão sucedeu graças à pressão das mudanças no comércio transatlântico de escravizados e não como uma espontânea medida de justiça. Por conseguinte, no interior da classe trabalhadora as mulheres e jovens negras são as maiores vítimas de ódio e homicídios (IAMAMOTO, 2019). Desta forma, a elaboração de uma monografia que discute de forma propositiva esse cenário é de extrema necessidade.

Considerando que para enfrentar o preconceito racial é preciso ter uma interpretação das bases que o sustentam, a obra “Racismo Estrutural” do Prof. Dr. Silvio Almeida servirá de aporte para adentrar no entendimento do que é raça, racismo estrutural e racismo institucional. É importante distinguir essas categorias entre elas e principalmente em relação ao sistema capitalista que sobrevive da manutenção da opressão racial nas suas engrenagens.

Historicamente a população negra brasileira resiste às opressões supracitadas, especialmente no que tange à linguagem, o movimento social negro ensina ao longo das décadas a ter orgulho de quem se é e inclusive da própria palavra negro. Na verdade, a negritude não é só um conceito que pode ser explicado sobre nós, ela tem objetivos, tem uma agenda, convoca uma conciliação e coexistência entre os povos (MUNANGA, 2012).

Para retratar a urgência neste trabalho em afirmar a minha identidade negra latino americana e caribenha, a publicação “Tornar-se Negro” da escritora e médica Neusa Santos Souza (1983) será um recurso teórico indispensável. Sabendo que o processo seletivo de intercâmbio envolve uma perspectiva holística, é inevitável falar sobre o impacto no âmbito pessoal e de autoconhecimento.

Ressalvo que eu fui a primeira discente do curso de Serviço Social da UFSM a estudar no Chile, todavia a sensação perante este fato não é de mérito individual e sim de problematizar por quais motivos não se tem outros acadêmicos negros inseridos nos programas de mobilidade internacional.

Como já expressou a ativista, intelectual negra e Profa. Dra. Giovana Xavier “Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história.”. Em razão da inserção no modelo colonial de sociedade ter criado estereótipos como o da mãe preta, o da mulata tipo exportação ou da miserabilidade como destino de vida (GONZALEZ, 2018).

Neste ensejo, a escrita é uma forma de passar de objeto para sujeito. Assim tendo autonomia para estar no mundo, especialmente o da academia do jeito que se quiser, diferente do que o colonialismo programou (KILOMBA, 2019). É extremamente importante registrar a minha experiência internacional neste TCC pois ela foi individual e coletiva. A representatividade é uma ferramenta de transformação coletiva que se expressa neste relato.

O livro “Assistentes Sociais no combate ao racismo” fruto da campanha de gestão do Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) durante o triênio 2017 - 2020 será uma referência teórica fundamental. No ano de 2019 o tema da VIII Semana Acadêmica do Serviço Social da UFSM foi: "O compromisso profissional na luta antirracista". Percebe-se que a iniciativa a nível nacional se disseminou para os espaços de formação continuada das e dos futuros assistentes sociais.

Diante disso, uma série de assistentes sociais negras brasileiras foram elencadas para representar o pensamento de mulheres negras dentro da categoria profissional, sendo a primeira delas segundo Graziela Scheffer (2016):

Dona Ivone Lara, carioca, enfermeira, assistente social, especialista em terapia ocupacional, mulher de origem pobre, negra e com família oriunda do subúrbio, é considerada a dama do samba e uma das primeiras assistentes sociais negras do Brasil. (SCHEFFER, 2016, pág. 486)

Humanizada, ética, aberta, subjetiva, assim foram descritas as práticas profissionais dela em uma época na qual sequer havia sido implementado o Sistema Único de Saúde. Esse é o SUS ou mais especificamente os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) que almejamos. A primeira dama do samba foi um marco na área da saúde mental, além de uma das pioneiras da profissão nos serviços de acolhimento a pessoas em sofrimento psíquico.

Renata Gonçalves (2018) discorreu sobre o quanto a área do Serviço Social aprofundou o conhecimento sobre a classe trabalhadora, mas não tanto a questão

racial. Houve uma generalização dos sujeitos com os quais se trabalha e estuda, esquecendo assim da Questão Racial. Logo, torna-se essencial fazer o recorte racial neste trabalho.

Para compreender a questão racial em relação as figuras de assistentes sociais negras se utilizará da perspectiva da Profa. Dra. Roseli Rocha que concedeu entrevista a mim em maio de 2018 durante o 12º Encontro Gaúcho de Assistentes Sociais (EGAS) em Porto Alegre. Este evento foi sediado na PUCRS e contou com o tema “Nossa escolha é a RESISTÊNCIA, somos Classe Trabalhadora!”. Conforme Rocha (2018):

“[...] a naturalização da branquitude, é uma expressão do racismo estrutural e estruturante das relações sociais. Então quando você pega um ser humano, um sujeito branco, um homem branco ou uma mulher branca e coloca como seres humanos universais, então representa toda a população, todo ser humano é representado pela figura, isso é uma expressão também do racismo estrutural que é a naturalização desse sujeito como universal. [Entrevista concedida a Aline Vargas Escobar em 18 de maio de 2018...]

Desde o início da graduação somos situados de que a postura ético política da/o assistente social não é neutra. No entanto, o arcabouço bibliográfico da área carece da abordagem de raça, classe e gênero de maneira articulada (COSTA, 2017). Logo, o presente TCC intenta contribuir para arcar com essa demanda.

1.4 METODOLOGIA

Para esta investigação de abordagem qualitativa se faz necessário usar como fonte artigos, livros, dissertações e teses para revisão bibliográfica. A maioria das leituras serão de autoria de mulheres negras na intenção de decolonizar o padrão hegemônico masculino, branco e hétero centrado que ainda perdura dentro da academia.

Conceição Evaristo (2017) inseriu na literatura brasileira narrativas de vida negras descritas e protagonizadas por pessoas negras. O conceito de *escrevivência* é fruto de suas obras e será um conceito chave que irá contribuir no desenvolvimento da escrita, tanto pelo fato da autora deste TCC ser negra quanto pelo compromisso ético político da profissão com a luta antirracista.

Este estudo pretende apresentar no capítulo um uma reflexão sobre o tema intercâmbio dentro do curso de Serviço Social da UFSM. Há uma diversidade

interessante de países pelos quais os egressos do curso passaram e registrar essa linha do tempo é importante. Os países em evidência são: Argentina, Brasil, Canadá, Portugal e Chile, isto significa que foram três países do continente da América Latina, um da América do Norte e um da Europa. Também destaco o conceito do Serviço Social Afrocentrado, algo que até o desenvolvimento deste TCC não conhecia e me cativou demasiadamente.

No segundo capítulo a proposta é sistematizar em quatro fases o meu período de intercâmbio no Chile. Além de traçar como se deu o meu processo desde a inscrição no edital até o retorno ao Brasil e expor registros fotográficos formando uma linha do tempo que retrata a relevância de uma experiência internacional.

O terceiro capítulo tem o intuito de analisar a contribuição do pensamento de mulheres negras e suas epistemologias. Assim como apresentar algumas assistentes sociais negras que marcaram a história da profissão. Visto que o discurso cunhado por elas rompe com as barreiras racistas que impossibilitam almejar um projeto de vida.

À vista disso, a interseccionalidade, conceito fundamentado pelo movimento feminista negro do norte global na década de 1980 e na contemporaneidade por Kimberlé Crenshaw (2002) também é uma ferramenta metodológica para reconhecer o cruzamento entre as opressões de raça, classe, gênero, entre outras, visto que elas não funcionam de forma desvinculada e não estão dispostas em uma hierarquia como afirmou Audre Lorde nos seus escritos.

Afinal, um ataque a comunidade negra é um ataque a homens negros gays, é um ataque a mulheres negras lésbicas porque eles e elas são negros. Não se trata de uma soma de opressões ou de múltiplas identidades mas sim de interações estruturais e conseqüentemente seus efeitos políticos e legais (AKOTIRENE, 2019).

Nesta perspectiva, segundo Mirian Goldenberg (2004) nas ciências sociais, a pesquisa qualitativa lida com emoções, valores e particularidades em prol de uma compreensão profunda de contexto. Portanto as escolhas que envolvem a metodologia são escolhas políticas em convergência com o projeto de emancipação do movimento social negro.

2 MOBILIDADE ACADÊMICA NO SERVIÇO SOCIAL: ENTRE O ESCASSO E O FÉRTIL

2.1 A internacionalização do conhecimento no Serviço Social

Na história do curso de Serviço Social da UFSM, fundado em 2010, um total de sete acadêmicos vivenciaram a experiência do intercâmbio durante a graduação. Entre todos os acadêmicos do grupo representados na tabela somente eu me autodeclaro preta. Cinco são mulheres e dois homens. Três egressos tiveram como país de destino a Argentina, uma o Brasil, uma o Canadá, uma Portugal e uma o Chile. Ressalvo que o ano indicado na tabela corresponde a época de início da mobilidade.

Ao analisar a linha do tempo traçada percebe-se que o gênero feminino é predominante. Visualizar essa historicidade é pertinente para reconhecer que a realização da mobilidade acadêmica no exterior está diretamente vinculada à busca por aprimorar a qualidade da formação acadêmica e profissional. Também quem sabe começar a detalhar o perfil dos egressos que já fizeram mobilidade acadêmica.

ACADÊMICOS DO CURSO	ANO	PAÍS	INSTITUIÇÃO
Acadêmica 1	2015	Argentina	Universidad Nacional de Cuyo (UNCuyo)
Acadêmica 2	2018	Brasil	Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
Acadêmica 3	2019	Canadá	Universidade de Manitoba
Acadêmica 4	2018-2019	Portugal	Universidade de Coimbra (UC)
Acadêmica 5	2019	Chile	Universidad de Valparaíso (UV)
Acadêmico 6	2020	Argentina	Universidad Nacional de Cuyo (UNCuyo)
Acadêmico 7	2020-2021	Argentina	Universidad Nacional de Córdoba (UNC)

Após retornar ao Brasil o grupo discriminado na tabela seguiu diferentes caminhos. Uma acadêmica está fazendo doutorado, uma está concluindo a Residência Multiprofissional em Saúde e outra está fazendo mestrado em Portugal.

A partir do ano de 2021 a UFSM se inseriu no Programa de Mobilidade Virtual em Rede (Promover Andifes) promovido pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior. Doze universidades brasileiras participam com a oferta de disciplinas de forma remota. No momento não há discentes do curso fazendo esse intercâmbio virtual⁵.

Além disto, o perfil até então identificado é um reflexo do quanto os discentes negros não estão acessando o ensino superior no exterior. É preciso estipular reserva de vagas nos editais de intercâmbio com base na Política de Ações Afirmativas. Tais medidas são políticas públicas que visam em diferentes âmbitos da sociedade reduzir as desigualdades sociais, econômicas e culturais. Logo, a implementação da igualdade requer tratar os desiguais de forma desigual.

A Lei nº 12.711/12 que trata do ingresso nas universidades e instituições federais serviu como subsídio para fomentar esta discussão na UFSM. O Programa de Ações Afirmativas na Universidade Federal de Santa Maria foi sancionado através da Resolução 011/2007, posteriormente revogada pela Resolução 002/2018. Deliberou-se a disponibilidade de vagas a afro-brasileiros, pessoas com deficiência, egressos de Escolas Públicas e indígenas.

Para (MELLO; SILVA, 2019 *apud* PAVÃO, 2019) os mais de dez anos do Programa de Ações Afirmativas na UFSM têm contribuído para pintar a universidade de povo. Os eixos que direcionam o trabalho do Núcleo de Ações Afirmativas Sociais e Étnico-Raciais e Indígenas – CAED são: os direitos humanos, a diversidade, a pluralidade e primordialmente a erradicação das desigualdades sociais e étnico raciais.

Os estudantes cotistas ou não cotistas que se autodeclaram pretos, pardos ou indígenas escolhem com frequência cursos que irão impactar positivamente nas suas comunidades como os da área da educação ou da saúde. As universidades federais ao não aderirem a efetivação das Cotas (como são popularmente conhecidas) nos

⁵ Informação confirmada através de contato via e-mail do curso de Serviço Social da UFSM no dia 6 de dezembro de 2021.

processos seletivos de mobilidade acadêmica estão desperdiçando potencialidades. “Afinal, para que(m) serve o teu conhecimento?”⁶

2.2 O Serviço Social Afrocentrado

As raízes do surgimento da profissão no Ocidente estão vinculadas à ascensão do modo de produção capitalista. O capitalismo é um sistema econômico e político que estabelece a cisão da sociedade em burguesia e proletariado. Os burgueses são a minoria que detém o poder enquanto a classe trabalhadora a maioria que está designada a pobreza. Sendo assim uma lógica que coloca o povo à mercê da exploração de sua força vital de trabalho para gerar lucro.

No século XIX a população da classe trabalhadora aumentava exponencialmente devido à expansão do capitalismo industrial. O estreitamento das contradições das relações sociais, a miséria, a fome, o desabrigo, entre outros eram reflexos da estrutura da sociedade que a burguesia queria encobrir. Neste cenário, as e os profissionais da prática social foram convocados a manter sob controle as expressões da desigualdade social.

Maria Lúcia Martinelli (1989) reconhece que a categoria durante um longo período incorpora como identidade ser um instrumento de fortalecimento da tríade burguesia-Estado-Igreja. Contudo a autora nos convoca a inovar e fazer diferente!

Segundo Martinelli (1989):

Assumindo sua dimensão social e despojando-se de pensamentos corporativistas, a prática social emancipada, livre da alienação, deve fortalecer-se cada vez mais, não só através da maior coesão da categoria profissional, mas também através de sólidas e consistentes alianças com as classes populares, com outras categorias profissionais e com todos os segmentos sociais cuja prática contenha um firme desejo revolucionário e uma convicção de que as pessoas são capazes de transformar a realidade, como seres histórico sociais e membros de uma classe articulada. (MARTINELLI, 1989, p. 136)

Os povos originários possuem uma maneira de construir saberes distinta da norma eurocentrada. Seus pressupostos partem da valorização da história oral das

⁶ Em frente ao Restaurante Universitário no campus sede da UFSM há um mural em uma parede com esta frase escrita.

peças mais velhas, pois elas são como uma “biblioteca viva”. As e os *griôs*⁷ são multiplicadores de diálogos horizontais sobre a cultura africana. Diferente da postura masculina, eurocêntrica e hegemônica. Tendo em consideração que as raízes da profissão se encontram na epistemologia, lógica e estética ocidentais, pouco se fala sobre o pensamento social africano (GRAHAM, 2009 *apud* NASCIMENTO, 2009). Afinal, os estudos dos fundamentos da área sempre remetem ao continente europeu.

A palavra africana “Ubuntu” significa “Eu sou porque nós somos”. A ciência de que a minha existência está intrinsecamente conectada a de outras irmãs e irmãos negros é uma força potente contra as engrenagens do capitalismo que operam simultaneamente a opressão racial. Neste sentido, a despeito do olhar para as pessoas em sua integridade é importante pois:

O serviço social afrocentrado é um método de mudança social que busca transformar o processo de ajuda com base no conhecimento cultural como trilha para o empoderamento. Os problemas sociais e as disfunções humanas surgem quando as pessoas se tornam alienadas e desconectadas de suas relações humanas interdependentes. A compreensão holística dos seres humanos e de seu bem-estar é uma das forças importantes que emergem da abordagem afrocentrada do serviço social. (GRAHAM, 2009, p. 308 *apud* NASCIMENTO, 2009)

Para nós, negros e negras, a espiritualidade é um eixo fundamental de existência. Não me refiro a uma religião em específico. Independente de pertencer a um Ilê⁸ ou não os fundamentos perpetuados pelas e pelos matriarcas de religião de matriz africana mantém viva a história do povo preto. São espaços que muitas vezes cumprem o papel do Estado ao acolher pessoas em vulnerabilidade sócio-econômica, quando realizam o encaminhamento para vaga de um emprego, quando previnem casos de tentativa de suicídio ou quando garantem a alimentação das famílias no seu entorno.

O debate das questões raciais tem crescido na área do Serviço Social, seja em eventos ou nas produções acadêmicas, mas não basta discutir, é preciso pensar caminhos de intervenção. É preciso construir uma práxis antirracista.

Sobre esta colocação a despeito da junção da luta antirracista e o Serviço Social, pondera-se que:

⁷ Pessoas consideradas mestres por exercerem dentro da tradição oral africana a preservação e transmissão de histórias.

⁸ A palavra Ilê significa: casa, espaço onde são cultuados os orixás e realizados ritos sagrados.

O serviço social antirracista busca desafiar o racismo dentro da profissão e se baseia numa compreensão dos efeitos institucionais do racismo que permeiam áreas de vida social, moradia, emprego, educação, e assim por diante. Dessa forma, o construto social da raça e do racismo se torna fundamental para o discurso antirracista como ferramenta para desafiar o racismo e organizar a mudança social. (GRAHAM, 2009, p. 301 *apud* NASCIMENTO, 2009).

O debate étnico racial na área está em efervescência e caminhando cada vez mais para um amadurecimento. O Serviço Social antirracista é uma proposta inovadora e salutar para os currículos dos cursos de graduação, eventos e a prática em si das e dos assistentes sociais.

Buscar o novo dentro da profissão, se inteirar da modernização requer se atualizar para dar conta das mudanças de conjuntura (IAMAMOTO; CARVALHO, 2011, p. 385). As novas expressões da questão social exigem respostas e no caso do combate ao racismo enegrecer as referências bibliográficas é uma opção emergente.

3 “ERES NORTE AMERICANA?” A AFIRMAÇÃO DA NEGRITUDE EM SOLO CHILENO

“Se é que existe reencarnação eu quero voltar sempre preta.” (*Carolina Maria de Jesus*)

3.1 Raça, racismo e a identidade negra

Não há dúvidas de acordo com a ciência de que o princípio da humanidade começou no continente africano. Ao longo da história movimentos migratórios com acentuadas condições climáticas (VARELLA, 2008) e determinações culturais levaram ao surgimento da palavra negro. Lamentavelmente surgiu a ideia de superioridade de uma raça sobre a outra. Na atualidade existe um contraste racial e social no acesso a uma vida digna devido a irresponsabilidade histórica do Estado que não integrou a população negra na sociedade após a (falsa) abolição da escravidão em 1888.

Segundo Silvio Almeida (2019) o racismo estrutural está concebido na seguinte definição:

Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição”. Nesse caso, além de medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas. (ALMEIDA, 2019, p. 33)

Desse modo não estou falando de *bullying*, ações caracterizadas pelo bem e o mal ou um tabu. O marcador racial é o que atravessa a minha corporeidade em movimento. Sou um corpo negro em diáspora. Sou uma mulher cisgênera⁹. Sou uma jovem pensadora negra. Sou formada pelo movimento social negro santamariense e sou integrante da comunidade LGTQIAP+. Não vou me aprofundar nas questões que

⁹ O termo “cis”, no campo da química orgânica: seria a ligação química esperada, a mais comum de se ocorrer entre os elementos. A ligação química “normal” (Megg Rayara Gomes de Oliveira, 2018.)

concernem a gênero e diversidade sexual, no entanto considero importante explicitar estes recortes identitários.

O Atlas da Violência (CERQUEIRA, 2021, p.49) atestou que em 2019 os negros foram 77% das vítimas de homicídios. Essa é uma das consequências mais brutais do racismo: ceifar projetos de vida. Acredito que o Serviço Social na defesa da dignidade humana pode prevenir a prevalência desse dado ao democratizar a quebra de estereótipos e frases como o de que o homem negro é perigoso, de que a mulher negra aguenta mais a dor e de que algo está ruim se “a coisa tá preta”.

O racismo não atinge somente pessoas negras, ele também diz respeito às pessoas brancas que precisam reconhecer o seu lugar de fala. Ou lugar de falar, já que ao estar ciente de onde nos localizamos na estratificação social a fala é um instrumento importante de desconstrução. Lutar contra o racismo foi em grande parte o estímulo para lutar também contra outras formas de opressão como a xenofobia, a transfobia, o etarismo, o capacitismo, entre outros. Logo, a questão racial é um problema coletivo e superá-lo é benéfico para todas e todos.

3.2 O intercâmbio no Chile

O estudo de Manuel Manrique Castro (2000) sobre as bases que fundaram o Serviço Social na América Latina é indispensável para compreender as nossas matrizes. A primeira Escola de Serviço Social surgiu no Chile em 1925 fundada pelo médico Alejandro Del Río e em 1936 no Brasil fruto da Ação Católica. A Igreja Católica sempre desempenhou um papel de rigoroso controle das normas sociais a nível internacional. Assim se disseminou o impacto das suas diretrizes pelo continente.

O autor explicita o contexto de crise estatal e concomitantemente as incisivas mobilizações da classe operária. Para frear as reações populares são lançadas duas encíclicas papais, a Quadragesimo anno em 1931 e a Rerum Novarum em 1891. Os documentos religiosos traziam a legitimidade da propriedade privada na tentativa de também se defender das ideias socialistas. Ademais havia o estímulo da Igreja Católica para a burguesia “tutelar um pobre”, nossa, quanta benevolência! Quanta bondade!

Bem diferente de uma mera vocação, ser assistente social é um compromisso. E para qualificar a minha formação decidi beber da fonte de um país andino. Inúmeras

vezes me perguntaram "Você tá indo sozinha?", "Tem mais algum estudante indo com você também?", "Nossa! Sozinha em outro país?". O tom normalmente carregado de espanto. Acredito fielmente que estudar no exterior é um ato de independência intelectual. Logo, o presente trabalho não se configura como um mero testemunho, é produção de conhecimento.

De fato, ser intercambista é a responsabilidade de representar o Brasil, desde quando me perguntavam como é uma palavra em português ou quando perguntavam questões estruturais sobre a educação. Ao explicar como funciona o ingresso na universidade pública, a pessoa que estava escutando começou a anotar atentamente ao que eu dizia. Ser intercambista também é ser porta voz da defesa do acesso gratuito à universidade pública.

Outra pergunta que já me fizeram foi "Por que tão longe? Tão diferente do Brasil...". Percebi várias demandas e problematizações semelhantes com a escolaridade do país de origem e o país de destino. Me dei conta do quanto o idioma muda, mas o fato aglutinador de serem países que passaram pelo processo de colonização é gritante. Logo, a minha intenção apesar da distância não foi somente fortalecer a minha formação, acredito que uma perspectiva internacional possa aumentar o leque de ideias e estratégias na atuação em prol de uma sociedade sem desigualdade de cor, raça, gênero, classe, LGBTQIA+fobia, entre outras categorias de opressão e bandeiras de luta.

Figura 1 - Registro da autora deste TCC na entrada dos prédios da Escuela de Trabajo Social da UV (2019).



Fonte: Acervo pessoal de Aline Vargas Escobar (2019).

Na figura 1 há um mural artístico produzido durante um “paro” (ocupação de estudantes). Nesta mesma entrada haviam cartazes em homenagem a mulheres assassinadas durante a ditadura militar no Chile (1973-1990). Três delas eram as chilenas María Teresa Bustillos, Jacqueline Drouilly Yurich e Jacqueline Binfa Contreras, estudantes de Serviço Social e integrantes do Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR). Todas foram capturadas pela Dirección de Inteligencia Nacional (DINA), órgão comandado pelo coronel Manuel Contreras Sepúlveda e amplamente conhecido por perseguir, torturar e desaparecer com quem se opusesse ao regime ditatorial do presidente Augusto Pinochet.

Outras duas mulheres eram as assistentes sociais, Elizabeth Rekas Urra e María Cecilia Labrin que eram respectivamente integrantes do Partido Socialista do Chile (PS), Movimento de Ação Popular Unitária (MAPU) e Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR). Elas também foram capturadas pela (DINA).

O denominador comum entre todas as mulheres citadas previamente é o ativismo político. É a transformação do incômodo de viver em uma sociedade marcada pela pobreza e injustiça social em ações concretas. Além de ser a escolha ideológica de estar alinhada à esquerda, independente de pertencer ou não a um partido político, elas estavam presentes em uma arena de disputa de um novo projeto de mundo.

Em uma das paredes encontrei a foto de Marielle Franco que foi vereadora pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) no Rio de Janeiro e defensora dos Direitos Humanos. Ela foi uma socióloga e política brasileira assassinada covardemente no dia 14 de março de 2018 no Rio de Janeiro. A potência do discurso que ela carregava enquanto uma mulher, negra, lésbica e mãe é insuportável para um Estado genocida. Logo, é indispensável que a luta internacionalista coloque em destaque o semblante da cria da favela da Maré.

O processo de ser estrangeira envolve questionamentos e desafios diários. A população afro chilena é muito pequena em razão do processo forçado de branqueamento. Uma vez me perguntaram se eu não era norte-americana. Por mais que estivesse migrando muitos haitianos nos últimos anos, ninguém presumiu que eu era do Haiti, provavelmente devido ao meu tom de pele não ser tão retinto quanto o dos haitianos.

O meu contato com a cultura afro chilena se deu através do grupo artístico Tumberos¹⁰ del Puerto. Eles trabalham desde 2018 com o resgate e difusão da cultura afro riquenha através da música e da dança. Conheci o grupo justamente durante a celebração em praça pública da promulgação da Lei nº 21.151/19 que reconhece o povo afrodescendente chileno e a sua identidade cultural, idioma, instituições e cosmovisão.

Eu estava lendo um livro na Praça Vitória¹¹ no centro da cidade quando avistei mulheres vestidas com saias brancas e homens tocando atabaques, de prontidão pensei que fosse uma ocasião de cunho afro religioso mas eles não se identificam desta forma. Sinto que praticamente encontrei o meu quilombo em Valparaíso. Sem planejamento fui ao encontro de um dos meus principais objetivos com o intercâmbio: encontrar uma raiz africana no Chile.

Posteriormente compareci em um evento do Tumberos del Puerto no Sitio Eriazo, um espaço autogestionado que oferece oficinas de arte. Ao ver o esforço de manter as culturas populares vivas através da história oral ou da arrecadação de dinheiro para aquisição de mantimentos lembrei do jeito “nóis por nóis” da

¹⁰ O “tumbe” é um movimento de dança no qual dois quadris se encostam.

¹¹ O nome “Plaza Victoria” foi escolhido em homenagem a vitória do Chile contra a Bolívia e o Peru na Guerra do Pacífico (1879-1883). O conflito surgiu quando os chilenos demonstraram interesse em usufruir do guano e do salitre, ambos ricos fertilizantes que eram produzidos na região hoje conhecida como deserto do Atacama, ao norte do Chile. Os peruanos e bolivianos firmaram o Tratado de Aliança Defensiva para se defender mas mesmo assim tiveram que se render depois de árduas batalhas navais.

comunidade negra brasileira de se auto organizar. Afinal, infelizmente, não podemos contar com um Estado que constantemente negligência as pautas dos cidadãos negros.

Figura 2 - Registro de apresentação do grupo Tumberos del Puerto no Sitio Eriazo.



Fonte: Acervo pessoal de Aline Vargas Escobar (2019).

Para Abdias Nascimento (1980) *apud* Nascimento (2009, p. 197) o quilombismo é o exercício das práticas advindas do continente africano a fim de estabelecer a reorganização da vida dos negros e negras no Brasil. A proposta despontada na década de 1980 confere princípios e valores elencados para as próximas gerações seguirem, tais como: solidariedade, convivência e comunhão existencial. Na verdade, para todo o país o quilombismo é uma contraproposta em relação ao sistema capitalista pois não delimita a posse privada de terra uma vez que tudo deve ser de uso coletivo.

3.3 As fases do processo de intercâmbio

Para fins de sistematização da experiência vivenciada, são elencadas quatro fases que englobam o período de imersão em um contexto cultural diferente:

A primeira é a de chegada que envolveu conhecer o contexto histórico da cidade portuária de Valparaíso que se destaca por expressar muita arte na rua. Além de historicamente ser o ponto de partida geográfico de eventos históricos como a brutal ditadura chilena e acima disso ser o berço do Serviço Social na América Latina.

Figura 3 - Visita ao Jardim Botânico de Valparaíso organizada pelo setor de Mobilidade Estudantil da UV.



Fonte: página no Facebook do setor de mobilidade estudantil da UV (2019).

Na figura 3 o setor de Mobilidade Estudantil da UV organizou uma semana de acolhimento com atividades de integração entre todos os intercambistas do 1º semestre de 2019. Os acadêmicos eram de 11 universidades¹². Eram 68 da Espanha, 62 do México, 43 dos Estados Unidos e 19 da França. Era uma pluralidade de intercambistas desembarcando no Chile com altas expectativas de fazer conexões.

Um grande diferencial de saber falar fluentemente um idioma estrangeiro é despertar a curiosidade de conhecer o mundo através das palavras, mas no contexto em questão para além disso nos esforçávamos para conhecer o outro e a sua cultura nativa.

Figura 4 - Recepção de todos os intercambistas do 1º semestre de 2019.

¹² Dados quantitativos concedidos pela Unidad de Movilidad Estudiantil da Universidad de Valparaíso via e-mail em Janeiro de 2022. Reitero que haviam outros países como o Brasil, Colômbia e África que a quantidade de alunos não foi repassada por ter sido em menor número.



Fonte: página no Facebook do setor de mobilidade estudantil da UV (2019).

Na figura 4 está registrado o momento de abertura do semestre para os intercambistas. A imagem é emblemática pois dirige a reflexão do quanto eu e os outros jovens construímos uma carreira acadêmica, baseada em uma aproximação com professores do curso, participação em projetos de ensino, pesquisa e extensão, realização de curso de Espanhol, além de não ser mãe ou possuir cônjuge. Já é tão caro para a população negra adentrar no ensino superior que estudar no exterior é ainda mais distante.

A segunda é a fase de adaptação que diz respeito ao desenvolvimento do processo de imersão. O contexto de alimentação, moradia e interação social é transformado, principalmente no que tange o aspecto da fala pois apesar da similaridade com o português, a língua espanhola tem diferenças gramaticais substanciais e a vocalização é muito rápida. Esse idioma hispânico no Chile é reconhecido por ser o mais mesclado com o idioma indígena Mapudungun.

A conversação é um dos pilares do estabelecimento de vínculos, ser e estar como mulher negra brasileira por muitas vezes foi uma abertura para diálogos e por outras uma barreira na condição de estrangeira. A Universidad de Valparaíso ofereceu um curso semanal e gratuito de espanhol que foi um dos pilares do pertencimento institucional e simultaneamente na convivência intercultural. Sob a orientação da prof^a Rocío Mansilla exercitamos a fala e ampliamos o vocabulário. Falar outro idioma requer uma insistente incorporação do mesmo a longo prazo até realmente poder me considerar fluente.

Figura 5 - Placa na entrada de um dos prédios da Escuela de Trabajo Social da UV.



Fonte: Acervo pessoal de Aline Vargas Escobar (2019).

Pode soar redundante relatar que fui muito bem acolhida pela comunidade da Escuela de Trabajo Social da UV, afinal a empatia é uma característica dos envolvidos com o Serviço Social mas é interessante frisar este fato por dois motivos. Primeiro que o acolhimento e escuta sensível são nossos instrumentos de trabalho, segundo pela visão de diversão que se tem de um país de clima tropical e do carnaval. Ou seja, fui acolhida também por lembrar de um país tropical.

O Serviço Social na América Latina (CASTRO, 2000) surge como resposta a questão social e sempre houveram dinâmicos intercâmbios entre os países, seja através de profissionais buscando se especializar, seja através de representações em eventos ou inspirações de como organizar a aplicabilidade do trabalho das e dos assistentes sociais.

Figura 6 - Registro da distribuição de cartazes da campanha “Assistentes Sociais no Combate ao Racismo” (2017-2020).



Fonte: Acervo pessoal de Aline Vargas Escobar (2019).

O material gráfico da campanha “Assistentes Sociais no Combate ao Racismo” tem 9 cartazes¹³, 8 vídeos e 3 spots para rádio. A comissão organizadora definiu os temas: falta de saneamento básico, racismo religioso, feminicídio, fome, genocídio, acesso e permanência na educação, todos acometem a população negra em grande proporção. Na figura 6 registrei a socialização do cartaz com o *slogan* “Minha fé não é motivo para sua violência”.

A terceira fase é a de firmamento do compromisso do papel de estudante de intercâmbio negra brasileira. O regulamento do programa ESCALA Estudantes de Grado da Asociación de Universidades Grupo Montevideo – AUGM aponta como principal objetivo a internacionalização do conhecimento. Portanto eu organizei uma oficina sobre o Serviço Social no Brasil na qual houve uma discussão sobre as diferenças e semelhanças entre os cursos.

Figura 7 - Registro da oficina “Trabajo Social en Brasil”.

¹³ Disponíveis gratuitamente para impressão em: <http://servicosocialcontraracismo.com.br/material-da-campanha/>



Fonte: Acervo pessoal de Aline Vargas Escobar (2019).

Na figura 7 com a participação de estudantes de diferentes semestres realizei a oficina “Trabajo Social en Brasil”. Apresentei a conjuntura sócio político econômica e cultural da época. Fiz uma explanação sobre o processo de colonização no Brasil e o surgimento do Serviço Social brasileiro. Conversamos sobre algumas diferenças entre os cursos. Percebeu-se na grade curricular do curso no Chile um enfoque em disciplinas diretamente relacionadas à Psicologia e ao pensamento de Mary Richmond bem como ao Serviço Social de Caso, Grupo e comunidade.

Quanto às semelhanças o movimento estudantil chileno me lembrou o engajamento da Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENESSO), pois sempre se mostraram posicionados e comprometidos em defender em manifestações públicas pautas como a legalização do aborto e a precarização do sistema previdenciário. No geral a alusão a importância da Declaração Universal dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas era basilar nas rodas de conversa ou aulas.

Figura 8 - Registro da oficina “Trabajo Social en Brasil”



Fonte: Acervo pessoal de Aline Vargas Escobar (2019).

A exposição do contexto sócio histórico do país de origem despertou comentários em relação a quebra de estereótipos do “país do carnaval” ou “país do futebol” especificamente no âmbito do Serviço Social para alcançar o reconhecimento de que o Brasil também articula programas e políticas que vislumbram garantir qualidade de vida frente a pluralidade de vulnerabilidades.

Figura 9 - Ação de voluntariado na comunidade La Isla.



Fonte: página no Facebook do Trabajos Voluntarios UV (2019).

Em maio de 2019 participei da primeira ação de voluntariado na comunidade La Isla, localizada no bairro Rocuant. A jornada de atividades foi promovida pelo Centro Cultural Trabajos Voluntarios UV que atualmente se encontra na quinta

edição. A favor de uma universidade a serviço do povo foi distribuído um almoço e foram ofertadas atividades de recreação com as crianças.

Também buscamos saber de porta em porta na casa dos moradores do bairro quais as demandas mais urgentes para planejar as próximas jornadas. Eles apontaram a necessidade da coleta de lixo domiciliar e reciclável, capacitações para os jovens, mais segurança e a criação de uma associação de vizinhos. Foi muito importante descentralizar a visão que eu tinha de Valparaíso por ter vivido majoritariamente no centro da cidade e sobretudo escutar a população local.

Figura 10 - Publicação no jornal da Vocalía de Salud Publica UV.

Actores en Salud

Racismo: una cuestión global de salud

Brasil es un país del tamaño de un continente donde de norte a sur expresa manifestaciones de diferentes culturas. Siendo una de ellas la africana que a lo largo de la historia estuvo marcada por un proceso de colonización y deshumanización de millones de sujetos.

Hoy la mayoría de la población brasileña es negra, 54% en 2015 de acuerdo con la Encuesta Nacional por Muestra de Domicilios (PNAD) y enfrenta las consecuencias de la abolición de la esclavitud que resolvió relaciones de comercio exterior pero no proporcionó alternativa de condiciones dignas de vida para que los ex esclavos se convirtieron en ciudadanos.

En cuanto a la salud es un conjunto de factores sociales, económicos, culturales, o sea, el contexto influye en el acceso a informaciones, prevención y tratamientos de enfermedades, es importante resaltar que de acuerdo con el Instituto Brasileño de Estadística y Geografía (IBGE) en 2015 el 55,3% de los hogares encabezados por personas negras tiene abastecimiento de agua, red recolectora de alcantarillado o recolección de basura mientras que en los hogares encabezados por personas blancas ese número sube al 71,9%.



El racismo debe ser visto como una problemática estructural pues los negros y negras también son mayoría en estadísticas de violencia obstétrica, hipertensión, feminicidio, entre otros. Al final existe un imaginario social de que ser negro es malo o peligroso conducido por una pequeña parte de propietarios de capital monetario interesados en mantener privilegios. Por lo tanto, la lucha internacionalista además de ser anticapitalista tiene que ser antirracista.

Aline V. Escobar
Estudiante de Intercambio Brazil
Trabajo Social UV



Carolina Maria de Jesus (1914 - 1977) figura importante para la literatura brasileña, su principal obra "Quarto de Despejo - Diário de uma Favelada" involucra através de relatos cotidianos la descripción de un contexto de exclusión social durante el desarrollo del proceso de urbanización. Ella fue clave para narrar el cotidiano de una salud mental fragilizada em virtud de los cambios de gobiernos que afectaban la posibilidad de calidad de vivienda de su comunidad. Mientras hay sido publicado em 1960 es um reflexo cuestiones aún urgentemente no superadas.

No mês de junho em parceria com o coletivo de discentes de saúde da UV publiquei o texto "Racismo: una cuestión global de salud" lançado no Boletín Ernestina Pérez 2º Edición: "Salud y Medio ambiente". Escrevi brevemente sobre a vida e obra de Carolina Maria de Jesus para que os leitores pudessem apreender que ela é umas maiores personalidades na literatura brasileira. A interlocução está nos relatos da autora que são praticamente denúncias sobre o precário acesso a condições sanitárias e dignas de vida.

A quarta fase é a de encerramento das disciplinas cursadas. Em Trabajo Social de Familia o profº Dr. Mauricio Ureta Bernal fez um resgate histórico da profissão no contexto médico e teve como objetivo geral estudar a intervenção familiar desde a perspectiva sistêmica estruturalista. Também estudamos o diagnóstico familiar, diferentes formações de famílias e origem da família desde Marx e Engels.

Em Estado y Politcas Publicas a profª Elena Salum teve como objetivo esmiuçar o desenvolvimento e análise das políticas públicas. Para isso estudamos o que é Estado, o que são as políticas públicas e o que é o ciclo das políticas públicas. Além da compreensão de que os modelos de intervenção Caso, Grupo e Comunidade possuem teorias, metodologias e técnicas.

Em Investigación Cualitativa a profª Patricia Castañeda Meneses teve por objetivo aprender como construir uma pesquisa e como levantar dados também. Estudamos os paradigmas das ciências sociais: quantitativo, qualitativo e sócio crítico e as suas características metodológicas.

Em Ética del Trabajo Social a profª Jemima Fernandez teve por objetivo dialogar sobre a ética pois ela vai sulear a minha postura profissional. Estudamos as características e classes dos valores assim como elementos condicionantes da conduta moral.

Todas as disciplinas me proporcionaram ferramentas teórico metodológicas úteis, mostraram semelhanças e diferenças em relação ao Serviço Social no Brasil. Duas delas também exigiram a elaboração de trabalhos em grupo para realizar entrevistas. Em um entrevistamos uma assistente social para conhecer como ela percebe a ética no cotidiano profissional e em outra entrevistamos pessoas que vivenciaram a época da ditadura no Chile e o impacto que teve em suas vidas.

A última e quarta fase também é de reconhecimento de vínculos e despedida da comunidade da Escuela de Trabajo Social e da família que me acolheu em uma residência. Visto que, ser e estar estudante negra em uma estrutura de opressão que permeia principalmente os países latino-americanos, torna a existência de uma rede apoio para a manutenção da saúde mental, um elemento primordial.

3.4 O retorno ao Brasil e o choque cultural reverso

A aspiração de estudar em um outro país latinoamericano se deu através da vontade de retornar com habilidades e conhecimentos úteis ao Brasil. Almejei contribuir com o fortalecimento das comunidades que faço parte. O retorno ao país de origem é uma espécie de “descarga elétrica” pois o processo de imersão é intenso e constantemente desafiador. Todo o contexto da vida cotidiana é transformado o que exige o ímpeto de saber se adaptar e respeitar outra cultura.

Durante quase seis meses eu me propus a aprender o idioma espanhol e conteúdos do Serviço Social no Chile. Conseguir a bolsa pelo programa ESCALA da AUGM em um país latinoamericano era prioridade, afinal, apesar dos países serem diferentes, temos um vínculo territorial. Foi proposital não levar em consideração os editais direcionados a instituições localizadas fora da América Latina.

Ao retornar a Santa Maria houve uma valorização do meu período sanduíche no exterior com a referência de ser a primeira estudante do curso de Serviço Social a fazer intercâmbio no Chile.

Passado o choque cultural reverso, isto é, o estranhamento de voltar ao Brasil, visualizando todos os ambientes ou estruturas institucionais que eu sempre circulei em uma posição fixa enquanto eu ainda sentia o anseio interno de estar em movimento. Comecei a participar muito mais de eventos acadêmicos para apresentar trabalhos como a 34^a Jornada Acadêmica Integrada (JAI) com o resumo “Intercâmbio no Chile: percepções da precarização do trabalho a céu aberto”.

4 O PENSAMENTO DE ASSISTENTES SOCIAIS NEGRAS: Ô ABRE ALAS QUE ELAS QUEREM PASSAR!

4.1 O pensamento de mulheres negras

Diante da pluralidade de vertentes teórico ideológicas que versam sobre as questões étnico-raciais como o feminismo negro, o mulherismo africana, o pan africanismo, entre outros, me posiciono dentro do pensamento de mulheres negras. Enquanto uma pensadora negra não nego as premissas do feminismo apenas me declaro de uma maneira distinta. De qualquer forma, busco apreender organicamente a contribuição das perspectivas citadas anteriormente.

Em uma sociedade onde o sistema capitalista necessita da existência do machismo e do racismo para operar, umas das suas principais características é situar as mulheres negras na base da pirâmide social para alcançar o lucro. Logo, a transformação do silêncio como um instrumento de enfrentamento a tamanha desigualdade social é um ato de mudança de paradigmas.

A pensadora negra, poeta, lésbica e mãe Audre Lorde (2019) enfatiza que a transformação do silêncio em linguagem e ação pode ser perigoso para uns mas extremamente libertador para quem externaliza as reivindicações individuais que na verdade são pautas coletivas. A academia não é quem me ensina a “matar um leão por dia” ou a me defender das violências racistas e machistas que acontecem no chão da realidade social. Mas a retórica acadêmica com certeza fornece subsídios para questionar o desafio de sobreviver em um contexto com raízes da colonização européia.

É recorrente a prepotência no mundo ocidental de subjugar culturas racializadas para prevalecer a hegemonia daqueles que detém o poder monetário e cultural. Por isso, exercitar a escrita enquanto uma futura assistente social crítica e escrever sobre o que me inquieta é inevitável. A escrevivência está imbricada nessa necessidade do olhar individual denunciar os con(textos) que afligem todo o coletivo da população negra. Provavelmente o conceito transversal em todo este trabalho foi a escrevivência, definida por Conceição Evaristo (2020) como:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres

negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. (EVARISTO, 2020, p. 30)

A ancestralidade africana pressupõe um movimento circular no qual os passos seguintes dependem de serem guiados pelos passos trilhados anteriormente pelas pessoas mais velhas. Sendo assim, a escrita de mulheres negras é uma forma de reverenciar as ancestrais africanas. É como um personagem do livro *Becos da Memória* (EVARISTO, 2017) entre a ficção e a realidade ensina “Todos aqueles que morreram sem se realizar, todos os negros escravizados de ontem, os supostamente livres de hoje, se libertam na vida de cada um de nós, que consegue viver, que consegue se realizar.”.

As reflexões elaboradas desde o primeiro capítulo extrapolam o campo epistemológico pois se tratam do corpo de uma mulher negra no mundo. Logo, o intercâmbio foi um momento para pôr em relevo a minha presença para além da imposição de que as mulheres negras cabem somente em lugares de dominação e subalternidade. Neusa Santos Souza (1983), psiquiatra e estimada trabalhadora da saúde mental, se manifesta a respeito do corpo negro dizendo que é vital pensar nele como fonte de vida, especialmente porque ao ter consciência de quem se é não haverá possibilidade de exploração.

Em 2019 a filósofa e ativista estadunidense Angela Davis esteve em São Paulo para falar na conferência¹⁴ "A liberdade é uma luta constante", durante o encerramento do Seminário Internacional "Democracia em colapso?". O discurso dela contou com o seguinte questionamento: “Por que vocês precisam buscar uma referência nos Estados Unidos? Eu aprendo mais com Lélia Gonzalez do que vocês comigo”. Nesse panorama, aprender sobre o feminismo afro-latino-americano (GONZALEZ, 1988 *apud* HOLLANDA, 2020) é uma tarefa a cumprir que remete a:

Cabe aqui um dado importante da nossa realidade histórica: para nós, africanas do Brasil e de outros países da região - assim como para as ameríndias - , a conscientização da opressão ocorre, antes de qualquer coisa, pelo racial. Exploração de classe e discriminação racial constituem os elementos básicos da luta comum de homens e mulheres pertencentes a uma etnia subordinada. A experiência histórica da escravização negra, por exemplo, foi terrível, e sofridamente vivida por homens e mulheres, fossem crianças, adultos

¹⁴ Gravação da transmissão disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=1xjgckTGE4s&list=WL&index=1&t=3107s>

ou velhos. E foi dentro da comunidade escravizada que se desenvolveram formas político culturais de resistência que hoje nos permitem continuar uma luta plurissecular de libertação. (GONZALEZ, 1988 *apud* HOLLANDA, 2020)

A luta do feminismo universal branco não contempla as vivências das mulheres negras ou das mulheres indígenas. Enquanto mulheres brancas do "Women's Liberation Movement" (WLM) em 1968 usavam a estratégia política de queimar sutiãs em um protesto público, a comunidade negra clama por poder simplesmente respirar e poder estar viva até hoje. Apesar da diferença racial é possível trabalharmos juntas, desde que haja discernimento e esforço genuíno para compreender que não sofremos machismo de forma igual.

4.2 As assistentes sociais negras

Uma década após o III Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais que aconteceu em 1979 popularmente conhecido como o "Congresso da Virada", ocorreu o VI CBAS em 1989 com uma forte presença de assistentes sociais negras que fizeram questão de se auto organizar para apresentar teses sobre a questão racial no evento (MOREIRA, 2020). Este momento foi a tônica para valorizar as vozes das mulheres negras nas discussões do Serviço Social brasileiro.

Em setembro de 2019 foi realizado o evento "VIII Semana Acadêmica do Serviço Social" na UFSM com o tema: "O compromisso profissional na luta antirracista". Normalmente na UFSM as semanas acadêmicas estão programadas para o mês de outubro e as próprias discussões em geral sobre negritude ficam limitadas ao mês de novembro. O Dia Nacional da Consciência Negra (20/11) é fruto de muita luta, construção coletiva do movimento social negro brasileiro e motivo de orgulho da identidade racial negra. Contudo são profícuas as iniciativas que valorizam as questões raciais no decorrer de outras épocas do ano também.

A organização da VIII SASS partiu do Diretório Acadêmico de Serviço Social da UFSM e da comissão organizadora que elencaram eixos para as apresentações de trabalhos. Dos seis eixos um abordou a temática "Feminismo Negro" e outro "Saúde da Mulher Negra". A maioria dos palestrantes das mesas e ministrantes das oficinas eram pessoas negras. Acredito que foi um momento histórico de representatividade pela oportunidade de prestigiar as produções acadêmicas de professores, profissionais e discentes negros.

Em 2018 a pesquisa “A caracterização socioeconômica dos estudantes de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Maria” coordenada pela professora Dr^a Cristina Kologeski Fraga do departamento de Serviço Social da UFSM constatou alguns resultados mediante a aplicação de questionário respondido por 120 estudantes. Em relação ao campo raça/cor consideram-se 74% brancas (os), 14% pardas (os), 8% pretas (os), 1% amarela e 1% indígena. Apenas 22% se identificam como negros. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) determina cinco variáveis de autodeclaração: branco, preto, pardo, amarelo e indígena. O movimento negro reforça que destas opções os negros são a soma de pretos e pardos. Logo, para além da cor da pele o termo negro carrega o sentido político de ser descendente de africanos no Brasil.

Outrora o perfil exigido para trabalhar como Assistente Social era o da moça caridosa, católica, solteira e de família abastada. Na época presente este perfil está em um processo de mudança e avanço da comunidade estudantil do Serviço Social estar mais colorida de povo. É primordial evidenciar como os estudantes que participaram da investigação se autodeclararam, tanto para traçar um perfil quanto para sinalizar que o recorte étnico racial não pode faltar ao responder um questionário.

A Dr^a Magali da Silva Almeida em 2020 na Aula¹⁵ Magna do Programa de Pós Graduação em Política Social e Serviço Social e comemoração dos 10 anos do curso de Serviço Social da UFRGS apresentou uma série de assistentes sociais negros que deixaram um importante legado. A homenagem começou com Sebastião Rodrigues Alves, um militante assíduo da questão racial à frente das normas elitistas do contexto de 1960.

Também foram mencionadas: a prof^a Dr^a Elisabete Aparecida Pinto, a primeira a escrever um TCC sobre Serviço Social e a questão racial e a prof^a Dr^a Josiane Soares Santos que foi presidiu o CFESS na gestão do triênio de 2017-2020. A empatia é uma construção política que requer a atenção e proatividade de buscar sugestões (CFESS, 2020, p. 82) para a realização de ações profissionais comprometidas com a luta antirracista como redefinir estratégias de acolhimento especialmente às mulheres negras e equipar o tempo de espera do atendimento de acordo com a raça/cor e sexo/identidade de gênero.

¹⁵ Gravação da aula disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QLoDSWCo8hw>.

Existe um rico arcabouço de assistentes sociais negras que furaram a bolha padronizada de quem pode ou não estar dentro da academia, na pós graduação ou no corpo docente. Salve Lúcia Maria Xavier de Castro! Salve prof^a Dr^a Valdenice José Raimundo! Salve prof^a Dr^a Rachel Gouveia Passos! Salve prof^a Dr^a Cristiane Luiza Sabino de Souza.

4.3 A luta segue pois a Sapucaí é grande

O Coronavírus é uma doença que foi detectada pela primeira vez em 1937 mas em dezembro de 2019 ressurgiu na China e se espalhou por todo o globo de forma bruscamente veloz (BRASIL, 2021). O quadro de calamidade pública instaurado ocasionou no isolamento social como recomendação de prevenção pela Organização Mundial da Saúde, porém, a desigualdade social não permitiu que todas as camadas da sociedade pudessem cumprir com a determinação da OMS.

Os trabalhadores negros têm a maior proporção de vínculos informais pois 81,3% não têm carteira assinada ou trabalham por conta própria (GUIMARÃES, 2021). Isto significa que para que parte da população brasileira ficasse em casa, outra parte teve que sair de casa sem saber se morreria de fome ou de Covid-19.

O Serviço Social tem sido uma das maiores frentes de enfrentamento à crise sanitária da Covid-19. Ao propor estratégias que ultrapassam a função de somente repassar uma informação clínica (SOARES; CORREIA; SANTOS, 2021) as e os assistentes sociais são profissionais tão essenciais quanto médicos, enfermeiros, psicólogos, dentre outros.

Há 20 anos atrás foi implementada a Lei nº 10.216/01 para proteger e garantir os direitos das pessoas com transtornos mentais. Esse reconhecimento legal foi fruto da luta antimanicomial impulsionada por diferentes grupos e segmentos de movimentos sociais pela defesa do cuidado humanizado. Trabalhar na área da saúde mental é apostar em potencialidades que não se encaixam em modelos ideais impostos pela estrutura social.

Por conseguinte, esse marco histórico está diretamente vinculado a figura da Yvonne Lara da Costa, assistente social, enfermeira e especialista em terapia ocupacional negra que ao longo de três décadas em hospitais psiquiátricos apostou em sujeitos reais, ou seja, a população negra, pessoas em situação de rua, mães

solo, entre tantos outros atingidos pela discriminação e exclusão social. Posteriormente na cena musical ela se tornou a Rainha do Samba.

Com base na ancestralidade africana que sigamos sendo elo para lembrar das gerações passadas e incentivar as gerações futuras a serem potências. É preciso manter viva uma perspectiva de futuro arraigada em relembrar dias felizes e sonhar com dias melhores. Por fim, sou fiel ao Serviço Social como Dona Ivone Lara ao samba.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi construído para registrar a minha experiência de mobilidade acadêmica no Chile justamente por ser uma narrativa que não é comum na trajetória acadêmica das e dos estudantes negros do curso de Serviço Social. A intenção foi investigar temas correlacionados e causar reflexões que apoiem a transformação deste cenário. Portanto, a experiência de fazer intercâmbio no Chile me ensinou que não há como avançar na luta pela justiça social sem construir pontes com outros países.

Também enquanto pesquisadora escrever este Trabalho de Conclusão me mostrou que é preciso ponderar os limites que ele pode comportar. Consequentemente percebi que o rigor acadêmico presente na escrita pode conter fatos pessoais, melhor dizendo, escrever sobre mim mesma foi extremamente potente para afirmar quem eu sou, uma jovem pensadora negra LGBTQIAP+, residente do interior do Rio Grande do Sul.

Mesmo antes de entrar no período de escrita do TCC nunca quis me referir a ele como um fardo que me trouxe noites mal dormidas. Desejei que fosse um processo prazeroso de rememoração da minha formação na graduação e que acima de tudo esteja a serviço de quem vai ler. Seja para colher dados, motivar a permanência na universidade ou se inspirar a desbravar o Serviço Social pelo mundo. Afinal a qualidade de cada aula que construiu o meu suporte teórico metodológico até aqui foi garantida por meio dos impostos que nós pagamos para manter a educação pública.

Escolhi a dedo quem eu gostaria de convidar para sentar à mesa e dialogar sobre os temas do meu TCC. Apesar da dificuldade de abrir o meu coração para humanizar a minha escrita acredito que a missão foi cumprida dentro dos limites de tempo e de sanidade mental por ainda estarmos vivenciando a maior crise sanitária do planeta.

Definitivamente uma dificuldade enfrentada foi me deparar com a penúria de produções sobre mobilidade acadêmica no Serviço Social, ainda mais com o recorte de raça, gênero e classe. Espero no futuro produzir cada vez mais sobre esse assunto na pós-graduação e integrar uma rede colaborativa de profissionais da área que se interessam pelos estudos sobre internacionalização. Tecer redes com os nossos pares é essencial.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maria Helena Elpidio. Fronteiras, armadilhas e muros: contribuições teórico metodológicas para o debate sobre território. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 261-270, maio/ago. 2018.

Akotirene, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro. Polén, 2019.

ALMEIDA, Magali da Silva. Diversidade humana e racismo: notas para um debate radical no serviço social. **Argum.** Vitória, v. 9, n. 1, p. 32-45, jan./abr. 2017.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural. Belo Horizonte/MG: Pólen, 2019.

BERTH, Joice. *O que é empoderamento?*. São Paulo: Pólen, 2019.

BRASIL. O que é a Covid-19? Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>>. Acesso em: 20 de jan. 2022.

BRASIL. Decreto Nº 7.642, de 13 de dezembro de 2011. Institui o Programa Ciência sem Fronteiras. Diário Oficial da União, 14 dez. 2011.

BRASIL. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial. 2010.

Cerqueira, Daniel. Atlas da Violência 2021 / Daniel Cerqueira et al., — São Paulo: FBSP, 2021.

CFESS. Assistentes Sociais no Combate ao racismo. Brasília, 2020.

COSTA, Gracyelle. Assistência Social, no enlace entre a cor e gênero dos (as) que dela necessitam. **O Social em Questão**, nº 38, p. 227-245, maio/ago, 2017.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Los Angeles, 2002.

Escrevivência : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. Becos da Memória. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FRAGA, C. K; OLIVEIRA, A. F. R. de; SEBASTIANY, M. M. O Perfil Socioeconômico das/os Estudantes de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Maria. *Revista Sociais e Humanas*. v.31, n. 2, p. 214-236. 2018

MOREIRA, Tales Willyan Fornazier. Serviço Social e Questão Étnico-Racial: apontamentos históricos do debate na trajetória da profissão. *Revista Sociedade em Debate*. Pelotas, v. 27, n. 1, p. 83-100 jan./abr., 2020.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GONÇALVES, Renata. Quando a questão racial é o nó da questão social. **Revista Katálysis**. Florianópolis. V. 21, n. 3, p. 514-522, set./dez., 2018.

GONZALEZ, Lélia. Primavera para as Rosas Negras. São Paulo: União dos Coletivos Pan-Africanos, 2018.

Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Org. Heloisa Buarque de Hollanda; autoras Adriana Varejão...[et al]. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

GUIMARÃES, Cátia. O vírus do preconceito. Revista Poli. Rio de Janeiro. n. 74, p. 6-13, nov/dez., 2020.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 134, p. 13-33, jan./abr. 2019.

IAMAMOTO, Marilda Villela; CARVALHO, Raul de. Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: Esboço de uma interpretação histórico-metodológica. 35 ed. São Paulo, Cortez; Celats, 2011.

KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MUNANGA, Kabengele. Negritude: usos e sentidos. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

MANRIQUE CASTRO, Manuel. História do serviço social na América Latina. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

PAVÃO, Silvia Maria de Oliveira. Pautando a efetividade da produção científica em ações afirmativas: Programa Pré Acadêmico Abdias Nascimento. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2019

SANTOS, Milton; SEABRA, Odette Carvalho de Lima; CARVALHO, Mônica de; LEITE, José Corrêa. Território e sociedade: entrevista com Milton Santos. [S.l: s.n.], 2000.

SCHEFFER, Graziela. Serviço Social e Dona Ivone Lara: o lado negro e laico da nossa história profissional. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 127, p. 476-495, Dez. 2016.

Soares, Raquel Cavalcante, Correia, Maria Valéria Costa e Santos, Viviane Medeiros dos Serviço Social na política de saúde no enfrentamento da pandemia da covid-19. Serviço Social & Sociedade [online]. 2021, n. 140 [Acessado 11 Dezembro 2021], pp. 118-133. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0101-6628.241>>. Epub 22 Fev 2021. ISSN 2317-6318. <https://doi.org/10.1590/0101-6628.241>.

SOUSA, Neusa Santos. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

FOLHA DE SÃO PAULO. VARELLA, Drauzio. Éramos todos negros. São Paulo, 2008.

Vieira, Daniele Machado. Territórios negros em Porto Alegre : RS (1800-1970) [livro eletrônico]: geografia histórica da presença negra no espaço urbano / Daniele Machado Vieira; prefácio Adriana Dorfman. -- Belo Horizonte : Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional - ANPUR, 2021.

CHILE. OTORGA RECONOCIMIENTO LEGAL AL PUEBLO TRIBAL AFRODESCENDIENTE CHILENO. Disponível em: <<https://www.bcn.cl/leychile/navegar?idNorma=1130641>>. Acesso em: 06 de dezembro de 2021.

Transexistências Negras: O Lugar De Travestis E Mulheres Transexuais Negras No Brasil E Em África Até O Século XIX. Megg Rayara Gomes de Oliveira, p. 69 – 86. 2018.

Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. Elisa Larkin Nascimento (org.). São Paulo: Selo Negro, 2009. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 4)

Lorde, Audre. Irmã Outsider / Audre Lorde; tradução Stephanie Borges. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.